

14º Congresso Brasileiro de Design: Conversação

Design da Terra: reflexões sobre projeto de país

Earth design: reflexions on designing a country

MARINHO, Claudia Teixeira; Doutora; Universidade Federal do Ceará
marinhoclufc@gmail.com

NASCIMENTO, Bruno; Mestrando; Universidade do Estado do Rio de Janeiro
brunothiagodesign@gmail.com

VIDELA, Ana; Doutora; Universidade Federal do Cariri
videla.ana@gmail.com

SOARES, Flávia; Doutora; Universidade do Estado do Rio de Janeiro
flaviasoares7@gmail.com

A conversa se propõe a relacionar o impacto do ser humano no planeta, formas de partilha do mundo comum e experiências realizadas por movimentos sociais e políticos ligados à terra, como o MST. É uma reflexão e um diálogo sobre a Terra de um ponto de vista projetual. A conversa busca identificar temas que possam ser tratados pela prática de projeto. Motivados pela emergência de uma crise climática que ameaça o ambiente no qual existimos, e pelo tensionamento entre o modelo de desenvolvimento centrado no Capital e a existência e resistência de povos do campo, da floresta, das águas, procuraremos esboçar caminhos nos quais o design potencialize processos projetuais que já acontecem no campo.

Palavras-chave: Design da terra; Movimento social; MST

1 Apresentação

A Conversação “Design da Terra” tem por objetivo contribuir para a ampliar os debates no campo do design com a proposta de investigar questões ligadas ao impacto do ser humano no planeta, às formas de partilha do mundo comum e às experiências realizadas por movimentos sociais que discutem a terra, como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O aparecimento do design como prática e disciplina acontece em um determinado estágio da história do capitalismo e cumpre um papel importante na criação da riqueza industrial (Forty, 2007). Escobar (2016) ressalta que a vocação do design para a indústria levaria o designer a reproduzir e manter as dinâmicas desse sistema de produção.

Apostamos que olhar para alguns aspectos – estéticos, políticos, etc. – dos modos de viver contemporâneos, amplia a compreensão de como o design afeta os processos de composição do social e é afetado por eles: é por esse viés que queremos articular a expressão “design da Terra”. Neste sentido, apontamos para uma dimensão mais ampla do social para pensar sobre/através do design: aquela que envolve a lida com a terra e com as formas de produção e reprodução da vida e da realidade, verificando como as fronteiras entre natureza e cultura são instáveis, imprecisas e discutíveis.

Perseguindo o caminho proposto por Latour, em *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno*, observamos como atuam os *movimentos sociais*. Noções como *associações, redes, controvérsias, direitos, trabalho, produção*, podem nos ajudar a expandir o debate sobre o campo e a prática de projeto.

2 Justificativa e relevância

O tema apresentado para a *Conversação – P&D 2022* procura levar adiante o tensionamento proposto pelo grupo de pesquisadores em design do Ceará, no *Colóquio de Pesquisa e Design*.

Na primeira edição, em 2019, fizemos um mapeamento das pesquisas em design no estado do Ceará, considerando os diálogos com outras áreas de conhecimento e/ou disciplinas, com o objetivo de identificar as singularidades e desafios da área de saber no estado. Na segunda edição, em 2020, abordamos o tema da De(s)colonização com o objetivo de cartografar novas possibilidades de articulação entre sociabilidades, subjetividades, tecnologias, projetos e culturas no campo do Design, em nível nacional. Por fim, na terceira edição, em 2021, partimos da provocação de Tony Fry (2020) e propusemos o debate em torno da *defuturação*, e refletimos sobre os efeitos do design no mundo, na realidade, especialmente na constituição de futuros múltiplos e factíveis.

A partir do tema *Design da Terra* seguimos no empenho de discutir os efeitos da atuação do Design na e sobre a realidade e o mundo. Efeitos que combinam o modo como nos situamos em relação a esse mundo com os efeitos de outros arranjos de atores, espécies, saberes e mundos – muitos dos quais estiveram, por longo tempo, ausentes da pauta de interesses do Design. Agentes bióticos e abióticos, culturas não ocidentais e não humanas também fazem história e compõem a paisagem na qual o Design atua.

Destacamos a relevância de refletir sobre questões da terra, a partir da perspectiva do design e da identificação de temas possíveis de tratamento pela prática de projeto, seja pela atualidade da problemática da degradação ambiental – seus processos e dimensões –; seja pela multiplicação das tensões que expressam os antagonismos entre os modelos de desenvolvimento impulsionados pelo capital e as formas de existência e resistência dos povos do campo, das florestas e das águas. Pretende-se com isso ampliar as reflexões sobre o fazer do design em relação às dimensões objetivas e subjetivas presentes na relação com a terra e os

territórios. As vinculações históricas do design com os processos de produção industrial e as dinâmicas de desenvolvimento urbano ajudam a explicitar os fatores que não nos permitem perceber com clareza a importância das questões da terra na composição de coletividades.

Por fim, a terra é, no Brasil, fonte de desigualdade. Essa desigualdade reverbera no modo como nos relacionamentos com as produções econômicas, culturais, estéticas, ligadas às comunidades, ligadas à terra – camponeses, quilombolas e indígenas – dificultando a vinculação do design com os múltiplos parceiros sociais

3 Objetivos da conversação

Fomentar debates sobre a relação entre o design e a Terra, articulando-os com experiências dos movimentos sociais que discutem a terra, especialmente, o MST. Para subsidiar os debates, usaremos ferramentas intelectuais e conceitos usados e discutidos por Bruno Latour (2020): Gaia, Antropoceno e Natureza. A conversa também tem por objetivo conhecer alguns processos de relação com a terra, especificamente os processos característicos da atuação do MST; além de identificar experiências e pesquisas que envolvam design em contextos do campo. Por fim, a conversa quer especular sobre caminhos do design para potencializar os processos projetuais no contexto dos movimentos sociais voltados para a terra.

4 Descrição da atividade

- i) Mística de abertura: apresentação do clipe da música *Refloresta*, de Gilberto Gil, sobre os perigos do desmatamento, um tema sensível ao debate proposto.
- ii) Apresentação dos participantes: contamos com a participação de cerca de 35 pessoas, de diferentes locais, universidades e países, vinculadas a diferentes áreas de conhecimento. Destacam-se as instituições identificadas pelo *chat* durante o encontro:

Universidade de Sorocaba (UNISO) | Escola Superior de Desenho Industrial (EsdI UERJ) | Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) | Universidade Federal de Goiás (UFG) | Universidade da Região de Joinville (Univille) | Universidade Federal do Ceará (UFC) | Universidade Federal do Amazonas (UFAM) | Universidade Federal do Maranhão (UFMA) | MST Setor Nacional de Cultura | Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) | Universidade Federal do Cariri (UFCA) | Universidade Federal Fluminense (UFF) | Design da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) - Cooperativa de Trabalho Educação, Informação e Tecnologia Cooperativa (EITA-MG).

- iii) Ambientação temática. Apresentação de tópicos relacionados à temática do encontro, para subsidiar debates sobre uma formação em design para o campo. Os relatos são apresentados em dois formatos: tópicos que colocam em destaque temas relevantes abordados por Iris Carvalho e Evelaine Brennand em suas apresentações, e os resumos das apresentações de Flávia Soares e Ana Videla.

O vídeo completo se encontra no link:

<https://drive.google.com/file/d/1sDTHTnCpU8AC4l6AtgiRuv-NVdDIK-dB/view?usp=sharing>

4.1 Percursos da luta do MST e a questão da terra – Iris Carvalho¹

O MST nasce de um processo de luta pela terra, nasce das sementes plantadas em lutas anteriores, no calor do debate sobre a terra. O MST nasce também em ocupações de terra acontecidas no final da década de 70, no Rio Grande do Sul. O primeiro encontro nacional do MST acontece no Paraná, em Cascavel, no dia 22 de janeiro de 1984. Nesse encontro definiram-se objetivos, traçaram-se as nossas linhas políticas, enunciaram-se diretrizes organizativas.

No Ceará, o MST nasce no assentamento 25 de Maio, data da primeira ocupação de terra no estado, em 1989. O MST no Ceará tem caráter massivo, sindical, sempre se organizando em torno da luta pela terra. Lutar pela terra é colocar em discussão o acesso à terra para plantar alimentos, queremos falar sobre reforma agrária, sobre democratizar o acesso à terra para atender as necessidades do povo e queremos falar sobre a luta pela transformação social.

Essas linhas políticas vão sendo identificadas e consolidadas a partir da necessidade do movimento se tornar um movimento nacional de luta pela terra. O movimento hoje é organizado nacionalmente e está presente em 23 estados e no Distrito Federal (só não está no Amazonas e no Acre).

É necessário lutar não só pela terra mas também por educação de qualidade, pelo acesso dos sem-terra à Universidade, por saúde, por uma vida melhor no campo.

A terra é o espaço de produção e reprodução da vida, o espaço onde se cultiva cultura, resistência, valores de uma sociedade na qual as pessoas ligadas ao MST acreditam.

Os assentamentos não são bolhas fechadas, são territórios de resistência onde todo dia enfrentamos uma batalha; seja pelo avanço do agronegócio em torno dos nossos territórios, seja para garantir uma vida melhor dentro dos nossos espaços, seja para reivindicar terra para morar e produzir.

Percebemos que na sua base social (do MST) há um número muito grande de analfabetos, e uma de nossas principais reivindicações é essa: escolarizar nossa base.

Precisamos também organizar a produção daqueles que trabalham na terra e garantir um debate em torno da produção, para que seja uma produção saudável, uma produção que enfrente no campo o avanço do modelo centrado no capital. Isso tudo sem perder de vista a questão da organização financeira das famílias.

Educação superior é fundamental para ligar os assentados a uma prática cooperativa, organizando a formação da consciência política e a formação de quadros políticos de militantes, para organizarmos melhor os nossos espaços.

Falamos sobre as necessidades das famílias para pautar o curso design da terra, porque precisamos também nos apropriar desse debate. Reunir a nossa militância em torno do debate do Design, sem abrir mão da universidade como espaço de disputa do conhecimento.

Há uma necessidade orgânica de refletir sobre cultura e arte, essa é uma reivindicação histórica do MST, pois se não conhecemos a nossa história, ficamos sem visão do mundo e desconhecemos a nossa realidade. Defender a nossa cultura e nossa arte é também uma forma de enfrentamento ao modelo do capital que hoje faz design.

¹ É historiadora, integra os setores de Formação e de Educação da direção do MST no Ceará

4.2 As possibilidades de design no MST – Evelaine Brennand²

A questão do design como provocação que veio para o MST Ceará pela Universidade Federal do Ceará é um bom espanto, porque, normalmente, a Universidade surge para atender a classe dominante. Os cursos de agronomia são voltados para lidar com grandes extensões de terra, a engenharia industrial é voltada para a produção de grandes equipamentos agrícolas, nunca se apresenta conteúdos voltados para a Agricultura Familiar; equipamentos para pequenas propriedades.

O design, pra mim, é uma coisa mais nova. Não achava que era tão grande assim o leque de atuação do design, eu pensava muito em design gráfico e design de produtos, não pensava em projeto.

No início falamos sobre o termo “comum”. O que temos em comum é que somos trabalhadores e trabalhadoras, podemos nos unir pela solidariedade de classe trabalhadora.

Há um sentido atribuído ao trabalho de design: é um trabalho criativo, é um trabalho artístico. Existe uma crença de que os espaços do trabalho criativo não são espaços de trabalho efetivamente. Temos que quebrar esses preconceitos.

O setor de cultura (do MST) trabalha com o universo simbólico, algo muito valorizado pelo MST, desde os seus primórdios, na construção dos símbolos do movimento, dos sentimentos coletivos, das novas possibilidades de vida, como queremos mostrar nossa produção da terra.

A questão dos alimentos saudáveis, das cooperativas de produção, estão presentes nas suas marcas e identidades.

O design, junto com a Universidade, contribuem para construir um caminho mais simples. Construir um curso de design da Terra junto com trabalhadores e trabalhadoras da terra, a partir das suas necessidades, de suas construções simbólicas, ajuda a inventarmos boas ferramentas para, por exemplo, organizar feiras, organizar espaços, organizar projetos. Ferramentas para o desenvolvimento de aplicativos, para organizar a memória do MST, para permitir que as pessoas partilhem suas histórias. Precisamos de ferramentas para organização de grandes encontros regionais e nacionais, para a concepção e a construção das cidades de lona nas ocupações de terra, uma organização mais harmônica, com mais beleza.

4.3 Projetos de Realidade – Flávia Soares³

O pensamento característico da teoria ator-rede, do Bruno Latour, pode ser estendido a coisas e fatos muito diferentes que, junto com tantos outros, acrescentam seu grão de sal na criação do interesse e dos motivos que nos reúnem aqui agora. A conformação da realidade pode ser pensada como um projeto, à luz da teoria ator-rede do Bruno Latour.

O projeto de realidade não é concebido por uma única mente projetista, por um sujeito que projeta: o projeto da realidade acontece na atuação conjunta de muitos e diferentes atores. E esses atores podem ser desde um ser humano identificado como designer projetista, até um movimento social de quase 40 anos, como o MST; pode ser um micro-organismo causador de pandemia, pode ser a semente de um vegetal da qual nascem as coisas que a gente come, ou as coisas decididas nas assembleias legislativas e congressos nacionais próprios da política que viabiliza coisas como o Estado, a Nação. Tudo isso projeta, junto e na mesma intensidade, a

² Tem formação em artes, é Mestre pela UNESP, atua na articulação e coordenação de projetos culturais em áreas de Reforma Agrária. Participa da coordenação política e pedagógica da Escola Nacional Florestan Fernandes.

³ É designer, doutora em design pela EsdiUERJ, pesquisadora de temas relacionados a reforma agrária, movimentos sociais, agricultura familiar e redes agroalimentares.

realidade que a gente vive agora. Projeto é o efeito de uma rede de atuações mútuas entre coisas muito diferentes e que acabam por existir juntas e ao mesmo tempo. O projetar é mútuo e acontece ao mesmo tempo.

Um movimento social como o MST projeta o país (e é projetado por ele). Porque coloca na mesa de discussão justamente o ordenamento de coisas que conforma a realidade, o país, a terra. Coloca em discussão o regime de propriedade do chão sobre o qual se existe, o plano nacional que adquire os alimentos, os estoques reguladores entre as safras e o mercado, o modo de agricultura que será praticado, as escolas onde são educadas as pessoas, a política de compra dos alimentos que serão consumidos nas escolas. Tudo isso e muito mais se encontra em discussão no movimento social. O movimento entra com força no palco das negociações daquilo que está em jogo quando se trata de projetar a realidade. É um corpo político, que opina, que reclama, que protesta, que torna claro seus interesses.

A conexão do MST com a Universidade é antiga e frequente, pelos mais diferentes cursos: agronomia, economia, pedagogia, comunicação, gastronomia, as engenharias todas... São cursos de graduação, pós-graduação, projetos de pesquisa e extensão universitária. Eis que chega a hora do design, a atividade eminentemente projetual por definição. Como juntar o conhecimento formalizado sobre projetar as coisas com um movimento social que, ao seu modo, vem projetando e sendo projetado pelos atores que o conformam? Como metodologias projetuais podem fortalecer os projetos de design que já acontecem nos arranjos de vida característicos do MST? Como pensar, por exemplo, o projeto de um mobiliário escolar, dentro de um projeto de educação? Como pensar o projeto de uma embalagem de café dentro de um arranjo produtivo desse café? Como a consciência que podemos obter sobre toda a rede de atores que projeta a Terra pode, efetivamente, vir a fazer parte do projeto? Pra vocês, que se interessaram em vir aqui hoje conversar, o que é o Design da Terra?

4.4 O Design para Terranos – Ana Videlia⁴

O autor que embasa a nossa conversa sobre a compreensão da necessidade do Design pensar a Terra é Bruno Latour. Ele é considerado um dos grandes pensadores do nosso tempo, mais especificamente devido a perspicácia que seu instrumental teórico proporciona à compreensão da nossa atual realidade. Diante da abrangência de sua obra, a qual atravessou muitas áreas do conhecimento, entre as quais cito: a semiologia da ciência, os Estudos de Ciência e Tecnologia ou STS, a "Teoria do Ator-Rede" ou ANT, a sociologia pragmática, a virada ontológica na antropologia, as teorias de Gaia; o grande desafio reside justamente em destacar muito brevemente as linhas centrais de uma possível colaboração do seu pensamento com o MST.

Queria iniciar pela discussão que Latour propôs em seu livro, hoje um dos mais conhecidos de sua vasta obra, cujo título é "Jamais fomos Modernos", de 1994. No livro Latour trata de definir o que seria esse pensamento moderno. A própria a escolha do termo "moderno" é um indício do esforço para demarcar um tipo de pensamento, que paradoxalmente Latour não encontrava ou reconhecia, tal como era descrito, entre nós (ditos modernos). Quer dizer, se para ser moderno era preciso defender a separação da natureza dos valores, ou os fatos da política, ao estudar e aplicar o método etnográfico e ao descrever as práticas científicas realizadas nos laboratórios, não era isso que ele encontrava.

⁴ É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (UFF), doutora em Design pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professora-adjunta IV do curso de Design da Universidade Federal do Cariri (UFCA). É pesquisadora associada do Núcleo de Arte, Imagem e Pesquisa Etnológica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NAIPE-UFRJ).

Este sentido de moderno que Latour vai questionar foi sendo constituído a partir do séc. XVII com a separação da Sociedade e da Natureza em dois mundos. Também compreendido pela divisão do mundo entre humanos e não-humanos. Ele ainda esclarece que os modernos não estão restritos a um povo ou uma geografia, mas antes a uma forma de pensamento que separa CIÊNCIA de POLÍTICA. Seu objetivo geral, de acordo com Maniglier (2021), era reformar as ferramentas analíticas das humanidades para melhor compreender nossa realidade socio-histórica. Só mais recentemente, é que a questão ecológica vai ocupar um lugar central na sua obra. Embora a preocupação com este tema já viesse sendo abordada em sua obra pregressa, foi com a deflagração das emergências climáticas as quais apontavam para o aquecimento global que a prevalência em tratar o tema ganha centralidade.

A crise sanitária foi um destes fenômenos que apontou para a perspicácia do pensamento latouriano, pois, se por um lado, mostrou que o modo de existência moderna nos coloca na iminência desse tipo de acontecimento extremo, por outro, revelou claramente os aspectos políticos misturados aos fatos científicos. Seu intuito foi compreender a nossa forma de existência através dos dados empíricos, cujas qualidades se distinguiam de todas as outras formas de existência, mas que se apresentava como uma forma de desenvolvimento inevitável. Este padrão de desenvolvimento, contudo, não se estabelece como uma necessidade forçosa. Assim, Latour se afasta desta inevitabilidade por onde a sociedade nos levaria, para propor uma análise mais descritiva a fim de acessar este acontecimento de outra maneira. Segundo Maniglier, “Jamais fomos modernos quer dizer: jamais foi necessário que nos tornássemos modernos.”

5 Resultados obtidos

Além do registro em vídeo da conversa e deste relatório, outra coisa que resultou do encontro foram alguns relatos de experiências relacionadas à temática do encontro. Entre elas, registramos:

Projeto de mestrado em design, desenvolvido na UERJ, junto ao assentamento Mario Lago (Ribeirão Preto - SP) sobre os sistemas de agrofloresta, plantio agroecológico e vinculações com o pensamento do design.

Projeto vinculado a iniciativa privada sobre agroflorestas urbanas (Fortaleza – CE), a partir da proposta de reduzir a área de asfalto na cidade através do reflorestamento urbano e autonomia alimentar (hortas urbanas).

Ações de design vinculadas à Cooperativa EITA (Cooperativa de Trabalho Educação, Informação e Tecnologia) - cooperativa de trabalhadoras e trabalhadores que atua junto aos movimentos sociais do campo popular, em suas lutas pela economia solidária, reforma agrária, agroecologia, saúde e justiça social.

6 Desdobramentos possíveis

Realização de encontros periódicos (mensais), a partir do primeiro semestre de 2023, para refletir sobre estratégias de formação em Design da Terra.

Encontro a ser realizado no próximo P&D Design, em 2024, para apresentar e debater as ações de projeto e pesquisas realizadas em torno da temática Design da Terra.

7 Bibliografia

- ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño.** La realización de lo comunal. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2016.
- FORTY, A. **Objetos de desejo.** Design e Sociedade desde 1750. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FRY, T. **Defuturing: A New Design Philosophy.** London, Bloomsbury Publishing, 2020.
- LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos:** Ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, B. **Diante de Gaia:** Oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu, 2020.
- MANIGLIER, P. **Le philosophe, la Terre et le virus.** Lonrai: LLL (Les Liens qui Libèrent), 2021.